

OS LITIGANTES

JOHN GRISHAM

OS LITIGANTES

Tradução de
ANA MENDES LOPES



CAPÍTULO

1

A firma de advogados Finley & Figg referia-se a si própria como sendo uma «firma *boutique*». Este nome impróprio era introduzido sempre que possível nas conversas de circunstância e até aparecia impresso em alguns dos vários esquemas engendrados pelos sócios para angariar clientes. Quando utilizado devidamente, implicava que a Finley & Figg era uma firma um tanto superior a um simples negócio com dois advogados. A palavra *boutique* era utilizada para transmitir a ideia de firma pequena, talentosa e especializada numa área. Uma firma bastante sofisticada e chique, logo a começar pela aura da própria palavra de origem francesa. Uma firma que se sentia inteiramente feliz por ser pequena, seletiva e próspera.

Exceto pelo seu tamanho, nenhuma destas alegações era verdadeira. O esquema da Finley & Figg era ir atrás de casos de danos corporais, uma luta diária que não exigia grandes capacidades e que não podia ser considerada sofisticada nem fascinante. Os lucros eram tão elusivos como o estatuto. A firma era pequena porque não tinha dinheiro para crescer. Era seletiva apenas porque ninguém lá queria trabalhar, incluindo os dois donos. Até mesmo a sua localização sugeria uma existência fastidiosa nas esferas mais obscuras do ramo. Com um salão de massagens vietnamitas

à sua esquerda e uma loja de reparações de cortadores de relva à direita, bastava um olhar casual para se perceber que a Finley & Figg não estava a prosperar. Havia outra firma *boutique* do outro lado da rua — eram rivais odiados — e mais advogados mesmo ao virar da esquina. Na verdade, o bairro estava cheio de advogados, alguns a trabalhar sozinhos, outros em pequenas firmas, outros ainda nas suas próprias versões de pequenas *boutiques*.

A morada da F&F era a Preston Avenue, uma rua movimentada e cheia de velhas casas agora convertidas para albergarem todos os tipos de atividades comerciais. Havia comércio (lojas de bebidas, lavandarias e massagens); profissionais liberais (advogados, dentistas e reparadores de cortadores de relva) e restaurantes (*enchiladas*, *baklava* e piza para levar para casa). Oscar Finley tinha ganho o edifício num processo, havia vinte anos. O que faltava àquele local em termos de prestígio era compensado pela sua localização. Dois números à frente ficava o cruzamento da Preston com a Beech e a Thirty-eighth, uma convergência caótica de asfalto e trânsito que garantia pelo menos um bom acidente de automóvel por semana, às vezes mais. A maior parte dos casos anuais da F&F era constituída por colisões que aconteciam a menos de cem metros de distância da firma. Outras firmas de advogados, *boutiques* e de outros tipos, rondavam a área com frequência, na esperança de encontrar uma casa disponível e barata de onde os seus ávidos advogados pudessem ouvir realmente o chiar dos pneus e o bater da chapa.

Uma vez que existiam apenas dois sócios, era imperativo que um deles fosse declarado sócio sénior e o outro sócio júnior. O sócio sénior era Oscar Finley, sessenta

e dois anos, um sobrevivente de trinta anos de prática da advocacia pura e dura que se praticava nas ruas do Sudoeste de Chicago. Oscar já tinha sido polícia de giro, mas acabou por ser dispensado por partir crânios. Quase foi para a cadeia, mas em vez disso sentiu um chamamento e foi para a universidade, e a seguir para a faculdade de direito. Quando nenhuma firma lhe deu emprego, pendurou a sua própria pequena placa e começou a processar toda a gente que se aproximasse dele. Trinta e dois anos mais tarde, custava-lhe acreditar que desperdiçara a sua carreira a processar devedores com pagamentos em atraso, choques entre carros, quedas e divórcios rápidos. Continuava casado com a primeira mulher, uma senhora assustadora que Oscar tinha vontade de processar todos os dias tratando-lhe do divórcio. Mas não tinha dinheiro para isso. Depois de trinta e dois anos de exercício, Oscar Finley não tinha dinheiro para grande coisa.

O sócio júnior — Oscar tinha grande tendência para dizer coisas como «Vou pôr o meu sócio júnior a tratar disso», quando queria impressionar juízes, outros advogados e principalmente potenciais clientes — chamava-se Wally Figg, de quarenta e cinco anos. Wally achava-se um litigante duro e os seus anúncios fanfarrões prometiam todos os tipos de comportamento agressivo. «Nós Lutamos pelos Seus Direitos!» e «As Seguradoras Temem-Nos!» e «Conosco, o Assunto É Sério!». Estes anúncios podiam ser encontrados nos bancos dos jardins, nos autocarros da cidade, nos táxis, nos programas de jogos de futebol das escolas secundárias e até nos postes dos telefones, embora isto violasse várias leis camarárias. Os anúncios não apareciam em dois mercados cruciais: a televisão e os painéis publicitários. Wally e Oscar continuavam a discutir em relação

a isto. Oscar recusava-se a gastar o dinheiro — ambos os meios eram horrivelmente dispendiosos — e Wally continuava a conspirar. O seu sonho era ver o próprio rosto sorridente e cabeça lustrosa na televisão a dizer coisas terríveis sobre as companhias seguradoras, enquanto prometia acordos volumosos aos lesados suficientemente inteligentes para ligarem para o número de telefone gratuito indicado.

Mas Oscar nem sequer pagava um painel publicitário. Wally já tinha um escolhido. A seis quarteirões do escritório, na esquina da Beech com a Thirty-second, bem alto por cima do trânsito sempre intenso, colocado no telhado de um prédio de quatro andares; era o melhor painel publicitário de toda a Chicago metropolitana. Atualmente a anunciar roupa interior barata (com um anúncio agradável, Wally tinha de admitir), o painel era a sua cara chapada. Mas Oscar continuava a recusar.

A licenciatura em Direito de Wally vinha da prestigiada Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. A de Oscar vinha de uma faculdade já defunta que antigamente ministrava cursos noturnos. Ambos fizeram o exame da Ordem três vezes. Wally já tinha quatro divórcios às costas; Oscar podia apenas sonhar com o seu. Wally queria encontrar o grande caso da sua vida, aquele grande furo que lhe daria milhões em honorários. Oscar queria apenas duas coisas: o divórcio e a reforma.

Como estes dois homens se tornaram sócios numa casa convertida da Preston Avenue já era outra história. Como sobreviviam sem se esganarem um ao outro era um mistério diário.

*

O árbitro que os controlava era Rochelle Gibson, uma robusta negra com uma grande personalidade e sabedoria ganha nas ruas de onde vinha. A senhora Gibson geria a frente da casa — o telefone, a recepção, os potenciais clientes que ali chegavam com esperança e os descontentes que saíam em fúria, a ocasional dactilografia (embora os patrões já tivessem aprendido que se queriam qualquer coisa dactilografada era mais simples fazerem-no eles mesmos), o cão da firma e, o mais importante de tudo, as picardias constantes entre Oscar e Wally.

Anos antes, a senhora Gibson tinha sido ferida num acidente de viação no qual não tivera culpa. Agravou então ainda mais os seus problemas ao contratar a firma de advogados Finley & Figg, embora a escolha não tenha sido sua. Vinte e quatro horas depois do acidente, sedada com *Percocet* e repleta de talas e placas de gesso, a senhora Gibson acordou para dar com o rosto sorridente do advogado Wally Figg a pairar por cima da sua cama de hospital. Estava vestido com uma bata azul-marinho, tinha um estetoscópio em redor do pescoço e estava a fazer um bom trabalho a fingir que era médico. Cheio de artimanhas, Wally levou-a a assinar um contrato de representação jurídica, prometeu-lhe a lua, saiu do quarto dela tão sorrateiramente quanto tinha entrado e começou a retalhar o caso. Ela ganhou quarenta mil dólares, que o marido gastou em bebida e no jogo numa questão de semanas, o que fez com que Oscar Finley lhe tratasse da ação de divórcio. E do processo de falência, também. A senhora Gibson não ficou impressionada com nenhum dos advogados e ameaçou processá-los por prática negligente. Aquilo prendeu-lhes a atenção — já tinham sido alvo de processos semelhantes — e esforçaram-se por a

aplaçar. À medida que os seus problemas se multiplicavam, Rochelle tornou-se uma constante no escritório; com o tempo, os três começaram a sentir-se confortáveis com a presença uns dos outros.

A Finley & Figg era um lugar duro para secretárias. O ordenado era baixo, os clientes, geralmente desagradáveis, os outros advogados que para lá ligavam, mal-educados, e as horas de trabalho eram longas, mas o pior de tudo era lidar com os dois sócios. Oscar e Wally já tinham tentado a abordagem adulta, mas as raparigas mais velhas não aguentavam a pressão. Tinham tentado contratar secretárias mais jovens, mas acabaram por ser processados por assédio sexual quando Wally não conseguiu manter as unhas longe de uma juvenzinha de peito generoso. (Chegaram a acordo em tribunal por cinquenta mil dólares e viram o nome da firma estampado no jornal.) Rochelle Gibson estava por acaso no escritório certa manhã, quando a secretária da altura se despediu e saiu de rompante. Com o telefone a tocar e os sócios a gritar, a senhora Gibson dirigiu-se para a secretária e tomou conta das coisas. Depois fez uma cafeteira de café. Regressou no dia a seguir, e no outro. Oito anos depois, continuava a gerir o escritório.

Os seus dois filhos estavam na prisão. Wally tinha sido advogado deles, embora, justiça lhe fosse feita, ninguém os pudesse salvar. Enquanto adolescentes, os rapazes mantiveram Wally ocupado com as detenções sucessivas e várias acusações relativas a drogas. O tráfico a que se dedicavam aumentou, e Wally avisou-os repetidamente de que acabariam presos, ou mortos. Disse a mesma coisa à senhora Gibson, que tinha pouco controlo sobre os filhos e rezava com frequência para que fossem presos. Quando o esquema de venda de *crack* foi desmantelado, foram presos com

uma pena de dez anos. Wally conseguiu reduzir a pena, que era de vinte anos, mas não recebeu qualquer sinal de gratidão da parte dos rapazes. A senhora Gibson agradeceu-lhe, lacrimejante. Apesar de todos os problemas, Wally nunca lhe cobrou um tostão pelo seu trabalho.

Ao longo dos anos, muitas tinham sido as lágrimas na vida da senhora Gibson e muitas delas foram vertidas no escritório de Wally, com a porta fechada. Ele dava-lhe conselhos e tentava ajudá-la sempre que possível, mas o seu papel principal era enquanto ouvinte. E, com a vida confusa de Wally, os papéis podiam inverter-se rapidamente. Quando os seus dois últimos casamentos foram ao ar, a senhora Gibson ouviu tudo o que ele tinha para dizer e deu-lhe ânimo. Quando ele começou a beber em demasia, ela apercebeu-se com clareza e não teve medo de o confrontar. Embora brigassem diariamente, as escaramuças eram sempre temporárias e muitas vezes forjadas como um modo de protegerem os respetivos territórios.

Havia alturas na Finley & Figg em que andavam os três a rosnar e a amuar, sendo que o motivo era normalmente o dinheiro. O mercado estava simplesmente lotado; havia demasiados advogados à solta nas ruas.

A última coisa que a firma precisava era de mais um.

CAPÍTULO

2

David Zinc saiu do comboio da linha L na estação de Quincy, na baixa de Chicago, e conseguiu arrastar os pés pelos degraus que levavam à Wells Street, mas passava-se alguma coisa de errado com eles. Estavam a ficar cada vez mais pesados, os passos cada vez mais lentos. Parou na esquina da Wells com a Adams e olhou realmente para os sapatos, à procura de alguma pista. Não havia nada, apenas os sapatos clássicos de pele preta com atacadores, como todos os advogados da firma usavam, e algumas das advogadas também. Estava a respirar com dificuldade e, apesar do frio, sentia as axilas molhadas. Tinha trinta e um anos de idade, certamente demasiado jovem para um ataque cardíaco, e, embora nos últimos cinco anos tivesse andado sempre exausto, aprendera a viver com a sua fadiga. Pensava ele. Dobrou a esquina e olhou para a Trust Tower, um brilhante monumento fálico que se erguia trezentos metros em direção ao céu, por entre as nuvens e o nevoeiro. Quando parou para olhar para cima, o seu batimento cardíaco acelerou e David sentiu-se enjoado. Outros corpos tocaram no seu, à medida que iam passando por ele. Atravessou a Adams no meio da multidão, caminhando penosamente.

O átrio da Trust Tower era alto e amplo, com uma grande quantidade de mármore, vidro e um incompreensível arranjo escultural, desenhado para inspirar e transmitir conforto, quando na verdade o seu efeito era frio e proibitivo, pelo menos para David. Seis escadas rolantes cruzavam-se entre si, transportando hordas de guerreiros fatigados com destino aos seus cubículos e gabinetes. David tentou, mas os pés teimavam em não o levar até uma das escadas rolantes. Em vez disso, sentou-se num banco de cabedal ao lado de uma pilha de grandes pedras pintadas e tentou entender o que lhe estava a acontecer. As pessoas passavam apressadas por ele, de rostos sombrios, olhares vazios, já stressadas, e ainda eram apenas sete e meia daquela manhã sem alegria.

«Passar-se» não era certamente um termo médico. Os peritos usavam linguagem mais elegante para descrever o instante em que uma pessoa perturbada ultrapassa o seu limite. Seja como for, o instante em que alguém se passa é um momento real. Pode acontecer numa fração de segundo, como resultado de um terrível acontecimento traumático. Ou pode ser a última gota, o triste culminar da pressão que se acumula até que a mente e o corpo são forçados a encontrar uma válvula de escape. Quando David Zinc se passou, foi devido a esta última situação. Depois de cinco anos de trabalho de escravo ao lado de colegas que detestava, alguma coisa lhe aconteceu naquela manhã enquanto estava sentado ao lado das pedras pintadas e observava os *zombies* bem vestidos a subirem as escadas para mais um dia de trabalho inútil. Passou-se.

— Olá, Dave. Vais subir? — perguntou alguém. Era Al, dos antimonopólios.

David conseguiu sorrir, acenar com a cabeça e balbuciar qualquer coisa, depois levantou-se e, sem motivo aparente, seguiu Al. Quando chegaram à escada rolante, Al estava um passo à frente e ia a falar do jogo que os Blackhawks tinham disputado na noite anterior. David foi acenando enquanto subiam pelo átrio. Por baixo dele e mais atrás vinham dúzias de solitários vultos com sobretudos escuros; eram outros jovens advogados que subiam, silenciosos e sombrios, como os portadores de um caixão num funeral de inverno. David e Al juntaram-se a um grupo de pessoas junto à parede de elevadores do primeiro piso. Enquanto esperavam, David ouviu a conversa sobre hóquei, mas tinha a cabeça a andar à roda e sentia-se novamente enjoado. Entraram à pressa num dos elevadores e ficaram ombro com ombro, juntamente com muitas outras pessoas. Silêncio. Al estava calado. Ninguém falava; ninguém mantinha contacto visual com ninguém.

«Acabou. Esta é a minha última viagem neste elevador. Juro», disse David para si próprio.

O elevador abanou e zumbiu, e parou no octogésimo andar, o território da Rogan Rothberg. Saíram três advogados, três rostos que David já tinha visto antes mas cujos nomes não conhecia — o que não era invulgar, uma vez que a firma tinha seiscentos advogados distribuídos do septuagésimo ao centésimo pisos. Mais dois fatos negros saíram no octogésimo quarto. À medida que continuavam a subir, David começou a transpirar, depois a ter dificuldades respiratórias. O minúsculo gabinete em que trabalhava ficava no nonagésimo terceiro andar e, quanto mais se aproximava, mais violentamente o seu coração batia. Mais

saídas sombrias no nonagésimo e nonagésimo primeiro andares, e a cada nova paragem do elevador David sentia-se mais fraco.

Só restavam três pessoas para o nonagésimo terceiro — David, Al e uma mulher corpulenta a quem, pelas costas, todos chamavam Trôpega. O elevador parou, uma campainha tocou agradavelmente, a porta abriu-se em silêncio e a Trôpega saiu. Al saiu. E David recusou-se a mexer-se; na verdade, não conseguia. Os segundos foram passando. Al olhou por cima do ombro e disse:

— Eh, David, é o nosso andar. Vamos.

David não respondeu, tinha apenas o olhar vazio de alguém que estava noutra mundo. A porta começou a fechar-se e Al entalou a pasta na abertura.

— David, estás bem? — perguntou.

— Claro — murmurou David, enquanto se esforçava para caminhar em frente.

A porta deslizou para abrir, a campainha voltou a tocar. Ele tinha saído do elevador e olhava em redor com nervosismo, como se nunca tivesse visto aquele lugar. Na verdade, saíra dali apenas dez horas antes.

— Estás pálido — disse Al.

David tinha a cabeça a andar à roda. Ouviu a voz de Al, mas não entendeu o que ele dizia. A Trôpega estava a alguns metros de distância, a olhar fixamente para ele, curiosa, como se estivesse a ver um acidente de viação. A campainha do elevador voltou a tocar, desta vez com um som diferente e a porta começou a fechar-se. Al disse mais qualquer coisa, até estendeu uma mão para ajudar. Então, subitamente, David deu um salto e os pés de chumbo ganharam vida. Virou-se para o elevador e mergulhou para

o interior no instante preciso em que a porta se fechava. A última coisa que ouviu vinda de fora foi a voz em pânico de Al.

Quando o elevador começou a descer, David Zinc começou a rir. A cabeça já não andava à roda e a náusea também tinha desaparecido. A pressão no peito desvaneceu-se. Estava a fazê-lo! Estava a abandonar o trabalho de escravo na Rogan Rothberg e a despedir-se daquele pesadelo. Ele, David Zinc, de todos os milhares de miseráveis advogados associados e sócios juniores dos arranha-céus da baixa de Chicago, ele e apenas ele conseguira ganhar coragem para fugir naquela manhã sombria. Ia sentado no chão do elevador vazio, a observar com um sorriso rasgado à medida que o número dos andares diminuía em brilhantes algarismos vermelhos, e lutou para controlar os seus pensamentos. As pessoas: (1) a sua esposa, uma mulher negligenciada que queria engravidar mas que estava a ter dificuldades, porque o marido andava sempre cansado de mais para fazer sexo; (2) o pai, um proeminente juiz que praticamente o obrigara a ir para a faculdade de direito, e não para uma qualquer, mas a Faculdade de Direito de Harvard, porque fora lá que o juiz estudava; (3) o avô, o tirano da família que construía do zero uma megafirma em Kansas City, onde, aos oitenta e dois anos, ainda trabalhava dez horas por dia; e (4) Roy Barton, o seu sócio supervisor, o seu patrão, um parvalhão fanático que berrava e praguejava durante todo o dia e era talvez a pessoa mais infeliz que David alguma vez conheceu. Quando pensou em Roy Barton, desatou outra vez a rir.

O elevador parou no octogésimo andar e duas secretárias entraram. Quando foram confrontadas com David

sentado no canto, com a pasta ao lado, pararam momentaneamente. Com cuidado, passaram por cima das pernas dele e esperaram que a porta se fechasse.

— Está tudo bem? — perguntou uma delas.

— Tudo ótimo — respondeu David. — E consigo?

Não recebeu resposta. As secretárias mantiveram-se tensas e caladas durante a breve descida e saíram apressadamente no septuagésimo sétimo andar. Quando voltou a ficar sozinho, David sentiu-se de repente preocupado. E se eles viessem atrás dele? Não havia dúvida de que Al tinha ido direitinho a Roy Barton para lhe contar que Zinc se passara. O que faria Barton? Havia uma reunião importante às dez com um cliente furioso, um CEO todo famoso; na verdade, como David mais tarde perceberia ao pensar no estado das coisas, aquela crise fora provavelmente a última gota que fez com que ele finalmente se passasse. Roy Barton não era apenas um idiota cáustico, mas também um grande covarde. Precisava de David Zinc e de outros para poder esconder-se quando o diretor-executivo marchasse sala de reuniões adentro com uma longa lista de queixas válidas.

Roy podia mandar a segurança atrás dele. A segurança era constituída pelo habitual contingente de guardas de uniforme colocados junto às portas, mas funcionava também como um círculo de espões internos que mudavam as fechaduras, gravavam tudo em vídeo, movimentavam-se nas sombras e se envolviam em todos os tipos de atividades encobertas para se certificarem de que os advogados andavam na linha. David pôs-se de pé num salto, pegou na pasta e olhou com impaciência para os números que piscavam. O elevador abanou suavemente enquanto descia pelo centro da Trust Tower. Quando parou, David saiu e dirigiu-se

rapidamente para as escadas rolantes, que ainda vinham apinhadas de gente triste a subir em silêncio até ao primeiro andar. As que desciam estavam vazias e David desceu uma delas a correr. Alguém o chamou:

— Eh, David, onde vais?

David sorriu e acenou na vaga direção da voz, como se tudo estivesse sob controlo. Caminhou a passos largos pelas pedras pintadas e pela escultura bizarra, e passou através da porta de vidro. Estava na rua, e o ar que poucos momentos antes parecia tão húmido e desolador continha agora a promessa de um recomeço.

Inspirou profundamente e olhou em redor. Tinha de continuar a mexer-se. Começou a descer a LaSalle Street, rapidamente, com medo de olhar por cima do ombro. «Não pareças suspeito. Age com calma. Agora, este é um dos dias mais importantes da tua vida», disse para si próprio, «por isso não dês cabo de tudo.» Não podia ir para casa, porque ainda não estava pronto para esse confronto. Não podia cirandar pelas ruas, porque acabaria por encontrar alguém conhecido. Onde poderia esconder-se por um instante, pensar nas coisas, clarear a cabeça e traçar um plano? Olhou para o relógio, 7h51, a hora perfeita para tomar pequeno-almoço. Mais à frente numa viela, viu o sinal de néon vermelho e verde do Abner's a piscar; à medida que se aproximava, não conseguia perceber se era um café ou um bar. Quando chegou à porta, olhou por cima do ombro, para se certificar de que a segurança não andava por ali, e entrou no mundo quente e escuro do Abner's.

Era um bar. Os reservados que se estendiam ao longo da parede da direita estavam vazios. As cadeiras estavam de pernas para o ar em cima das mesas, à espera que alguém

viesses limpar o chão. Abner estava por detrás do longo e bem polido balcão de madeira com um sorriso tolo nos lábios, como se quisesse perguntar: «O que está aqui a fazer?»

— Está aberto? — perguntou David.

— A porta estava fechada? — ripostou Abner.

Usava um avental branco e estava a limpar uma caneca de cerveja. Tinha os antebraços grossos, peludos, e, não obstante os seus modos bruscos, tinha o rosto confiável de um empregado de bar veterano, que já ouvira de tudo um pouco.

— Acho que não.

David caminhou lentamente em direção ao balcão, olhou para a direita e ao fundo viu um homem que aparentemente adormecera, ainda agarrado a um copo.

David tirou o sobretudo cinzento-escuro e pendurou-o nas costas de um banco alto. Sentou-se, olhou para as filas de garrafas alinhadas à sua frente, observou os espelhos do bar, as torneiras dos barris de cerveja e as dezenas de copos que Abner tinha ordenado perfeitamente, e quando já estava instalado perguntou:

— O que me recomenda para antes das oito da manhã?

Abner olhou para o homem que estava com a cabeça pousada em cima do balcão e disse:

— Que tal café?

— Disso já bebi. Não serve pequenos-almoços?

— Sirvo, chama-se *Bloody Mary*.

— Vou tomar um.

Rochelle Gibson vivia num apartamento de um bairro social com a mãe, uma das filhas, dois dos netos, várias

combinações de sobrinhas, sobrinhos e até um ocasional primo a precisar de abrigo. Para fugir ao caos, era frequente escapar-se para o seu local de trabalho, embora por vezes isso fosse ainda pior. Chegava ao escritório todos os dias por volta das sete e meia, abria-o, apanhava ambos os jornais caídos no alpendre, acendia as luzes, ajustava o termóstato, fazia café e via como estava *PA*, o cão da firma. Rochelle murmurava e por vezes cantarolava enquanto prosseguia com a sua rotina. Embora jamais admitisse perante ambos os patrões, a verdade é que se sentia bastante orgulhosa do seu trabalho enquanto secretária judicial, mesmo num lugar como a *Finley & Figg*. Quando lhe perguntavam qual era a sua ocupação, era rápida a responder «secretária judicial». Não era apenas uma variedade indistinta de secretária, era judicial. O que não tinha em treino formal compensava em experiência. Oito anos numa firma que ficava no meio de uma rua tão movimentada tinham-lhe ensinado bastante sobre as leis e ainda mais sobre os advogados.

PA era um rafeiro que vivia no escritório porque ninguém estava disposto a levá-lo para casa. Pertencia aos três — Rochelle, Oscar e Wally — em partes iguais, embora as responsabilidades de cuidar dele caíssem virtualmente sobre Rochelle. Era um cão foragido que escolhera a *F&F* havia vários anos. Durante o dia, dormia numa pequena cama perto de Rochelle e durante a noite cirandava pelo escritório, guardando o espaço. Era um cão de guarda aceitável que já tinha afugentado ladrões, vândalos e até alguns clientes mais descontentes.

Rochelle deu-lhe comida e encheu a tigela da água. Do pequeno frigorífico da cozinha tirou um iogurte de morango. Quando o café ficou pronto, serviu-se de uma chávena

e arrumou as coisas na sua secretária, que mantinha imaculadamente ordenada. Era de vidro e aço, robusta e impressionante, a primeira coisa que os clientes viam assim que entravam pela porta da frente. O gabinete de Oscar era mais ou menos organizado. O de Wally era uma lixeira. Ambos podiam esconder os seus espaços atrás de portas, mas Rochelle estava à vista de toda a gente.

Abriu o *Sun-Times* e começou pela primeira página. Leu devagar, bebericando o café, comendo o iogurte e murmurando suavemente enquanto *PA* ressonava atrás de si. Rochelle apreciava muito aqueles momentos de calma logo pela manhã. Não faltaria muito tempo para o telefone começar a tocar, para os advogados aparecerem e depois, se tivessem sorte, também os clientes apareceriam, alguns com marcação, outros não.

Para se afastar da mulher, Oscar Finley saía de casa todos os dias às sete da manhã, mas era raro chegar ao escritório antes das nove. Durante duas horas, andava pela cidade, parava na esquadra da polícia onde um primo lhe dava os relatórios de acidentes; passava para dar os bons-dias aos camionistas e apanhar as últimas notícias sobre choques de automóveis; bebia um café com o dono de duas agências funerárias rascas; levava *donuts* a um quartel de bombeiros e conversava com os condutores das ambulâncias; e ocasionalmente fazia as suas rondas pelos hospitais preferidos, onde percorria os corredores movimentados com um olho bem treinado para os casos de danos causados pela negligência de outros.

Oscar chegava às nove. Com Wally, cuja vida era muito mais desorganizada, nunca se sabia. Podia aparecer às sete e meia, completamente atestado de cafeína e *Red Bull*, preparado para processar quem quer que se atravessasse à sua

frente, ou podia chegar arrastando-se às onze, com os olhos inchados, de ressaca, para se esconder logo de seguida no gabinete.

Porém, naquele dia momentoso, Wally chegou poucos minutos antes das oito com um grande sorriso e olhos luminosos.

— Bom dia, senhora Gibson — disse, com convicção.

— Bom dia, senhor Figg — respondeu ela de modo semelhante.

Na Finley & Figg, a atmosfera era sempre tensa e as discussões estavam a um comentário de distância. As palavras eram escolhidas cuidadosamente e recebidas com grande escrutínio. Os mundanos cumprimentos matutinos eram cautelosamente acolhidos porque podiam ser a armadilha para um ataque. Até mesmo o uso dos títulos «senhor» e «senhora» era contido e pleno de história. Na altura em que Rochelle era apenas uma cliente, Wally tinha cometido o erro de se dirigir a ela como «rapariga». Foi qualquer coisa do estilo:

— Ouve, rapariga, estou a fazer o melhor que posso.

Era certo que não queria ofendê-la e a maneira exagerada como ela reagiu foi injustificada, mas a partir daquele momento insistiu que a tratassem por «senhora Gibson».

Ficou ligeiramente irritada por a sua solidão ser interrompida. Wally falou com *PA* e coçou-lhe a cabeça; quando se dirigia para o café, perguntou:

— Alguma coisa no jornal?

— Não — respondeu Rochelle, sem vontade de discutir as notícias.